

CATÁLOGO

EXPOSICIÓN

**Marginais uma vírgula.
Os Malditos sem vírgula
Pingentes!**

Francisco Rogido

21/4/2022 a 31/5/2022



FACULDADE DE FILOLOXÍA

Av. Castelao s/n - Campus Norte



exposición

FRANCISCO ROGIDO

catálogo

Santiago de Compostela
2022

edita

FACULTADE DE FILOLOXÍA



A Facultade de Filoloxía da Universidade de Santiago de Compostela ten o pracer de presentar a exposición “Marginais una vírgula. Os Malditos sem vírgula Pingentes!”, inscrita na sección de exposicións temporais do Programa Contornos, de atención a ámbitos externos relacionados coa cultura e a sociedade.

A mostra homenaxea o escritor brasileiro Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) no ano do centenario da súa morte. Ao producir unha literatura enteiramente desvinculada dos padróns e do gusto vixente, Lima Barreto recibe severas críticas dos letrados tradicionais e pasa a ser considerado o arquetipo dun maldito.

Con este espírito, o escritor e artista brasileiro/galego Francisco Rogido Fins preséntanos 24 gravuras en técnicas de xilogravuras, entallas e augafortes que homenaxean un conxunto de escritoras e escritores brasileiros, portugueses e galegos que foron e aínda son, nunha gran medida, considerados “marxinados” ou “malditos”.

Esta exposición é o resultado de pescudas que desenvolveu o artista durante os últimos dous anos e ofrece unha pequena mostra da multiplicidade das respectivas producións literarias e poéticas contidas nas narrativas destes “malditos” ou “marxinados”.

O proxecto expositivo foi posible grazas ao traballo e curadoría do profesor Carlos Quiroga, docente da Facultade de Filoloxía, e á curadoría visual da artista Nerea Rogido.

LIMA BARRETO
BOCAGE
CAMILO PESSANHA
FLORBELA ESPANCA
DYONÉLIO MACHADO
MÁRIO CESARINY
STELLA DO PATROCÍNIO
JOSÉ AGRIPPINO DE PAULA
HERBERTO HELDER
GRAMIRO DE MATOS
CAROLINA MARIA DE JESUS
JAMIL SNEGE
JOÃO ANTÔNIO
PAULO LEMINSKI
TORQUATO NETO
OZUALDO CANDEIAS
GLAUCO MATTOSO
WANDER PIROLI
HILDA HIRST
ANTÔNIO FRAGA
CARVALHO CALERO
SABOTAGE
ITAMAR ASSUMPCÃO
MAURA LOPES CANÇADO



LIMA BARRETO

Filho de uma professora e de um tipógrafo da Imprensa Nacional, *Afonso Henriques de Lima Barreto* nasceu (13 de maio de 1881) no Rio de Janeiro. Aprendeu a ler em casa com a mãe, que mantinha um pequeno colégio para meninas, o Santa Rosa, no mesmo bairro das Laranjeiras. Com a morte da mãe, aos 7 anos, entrou numa escola pública, rua do Rezende, passando pelo Liceu Popular Niteroiense. Os seus estudos eram, então, bancados pelo Visconde de Ouro Preto, padrinho de batismo do escritor. Depois de prestar exames preparatórios no Colégio Pedro II, ingressa na Escola Politécnica. O futuro era promissor. Dali sairia engenheiro civil, de minas, industrial, mecânico ou agrônomo. Entretanto, estudou apenas até o terceiro ano. Não havia maneira de fazê-lo aprovar numa disciplina de nome tão irônico quanto redundante, *Mecânica Racional*, reprovando diversas vezes — e isso, creiam-me, enche o saco.

Alguns outros fatores mais profundos faziam com que Lima Barreto não se concentrasse na Politécnica. Aliado ao baixo

desempenho na *Mecânica Racional*, por dois anos seguidos, um episódio específico determinou um certo rumo para sua vida, a partir dali: o pai enlouqueceu quando Lima Barreto tinha 22 anos.

Assim, interrompeu os estudos para encarregar-se de numerosa família, composta agora pelo pai e irmãos. Para ganhar a vida, Lima Barreto trabalhou como professor particular e depois, com a abertura de vaga para amanuense na Diretoria do Expediente da Secretaria da Guerra, presta concurso e classifica-se em segundo lugar, com uma diferença mínima de pontos para o primeiro colocado. Mesmo assim foi nomeado, começando a trabalhar no mesmo ano, não se entusiasmando pelo trabalho.

Em 1905, Lima Barreto iniciou-se na vida literária com uma série de reportagens para o *Correio da Manhã*, preparando uma serie de reportagens sobre a derrubada do Morro do Castelo. Paralelamente, foi colaborando em jornais e revistas estudantis, como *A Lanterna* e *A Quinzena Alegre*, todos de curta duração. Mais tarde, em 1907, quando Mario Pederneiras fundou o *Fon-Fon*, chamou-o para a redação. Saiu para lançar com um grupo de amigos uma pequena revista, *Floreal*, que apesar de só quatro números mereceu do mal-humorado José Verissimo, crítico exigente, surpreendente e simpática acolhida. Inclusive, seu primeiro romance, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, começou a ser publicado na *Floreal*, em 1907, mas só veio aparecer em livro dois anos mais tarde, editado em Portugal. Quando isto acontece, Lima Barreto marcará sua presença no ambiente intelectual, para o bem e para o mal. O livro bancado

com os recursos próprios limitados, seria venerado e odiado de maneira desproporcional. Venerado: pelos pares e por uma certa parcela da intelectualidade. Porém, o ódio vinha de cima, principalmente por parte de Edmundo Bittencourt, dono do jornal *Correio da Manhã* que não gostou nem um pouco do tom de sátira que assemelhava com sua pessoa o autoritário e fictício Ricardo Loberant, dono do jornal *O Globo*.

O problema estaria resolvido se apenas se fechassem as portas do *Correio*. Entretanto, Bittencourt pode ter intercedido para que outras portas se fechassem. Além disso, o livro não trouxe o sucesso nem o mínimo suficiente para o sustento. Dois anos mais tarde publicou o romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, nas páginas do *Jornal do Comércio*, mais uma vez, pagando do próprio bolso pelo espaço da publicação. A obra sairia publicada em livro em 1915. Entretanto durante a gestão e revisão da obra, tornaram-se mais agudas as crises de alcoolismo e depressão do escritor. Esmagado pelo peso dos cuidados com o pai enlouquecido vivendo ao lado de seu quarto, pela angústia da responsabilidade no suporte financeiro da família, juntava-se a isso o peso do preconceito racial. O álcool, a princípio um suporte na convivência boêmia, tornou-se uma saída. E as alucinações, que o levaram ao hospício, certamente não estavam nos planos.

Independente da bebida, a saúde sempre foi frágil. Aos vinte e poucos anos tinha fraqueza generalizada em decorrência de um reumatismo de infância que iria acompanhá-lo toda a vida. Aos 29 anos contrairia pela segunda vez maleita, ou impaludismo,

doença transmitida por mosquitos, e que ataca os glóbulos vermelhos do sangue gerando febres terças fortíssimas. O abuso do álcool certamente agravou o quadro clínico. Como também sua depressão e crise de neurastenia que o levou a ingressar pela primeira vez no Hospital Nacional de Alienados em 1914, local que ele tinha definido como "frio, severo, solene, com pouco movimento nas massas arquiteturais".

Com os sintomas da dependência alcoólica, passa a ter problemas cardíacos. Aos trinta e três anos, depressão e neurastenia. Aos trinta e cinco, anemia pronunciada. Aos trinta e sete, quebra a clavícula. Nessa época tem o primeiro ataque da epilepsia. Considerado "inválido" para o serviço público, é aposentado, em dezembro de 1918. Em 1919, é internado pela segunda vez no Hospital Nacional de Alienados. A essa altura tinha cinco livros publicados: *Recordações do Escrivão Isaias Caminha*, *O Triste fim de Policarpo Quaresma*, *As aventuras do Dr. Bogoloff* (publicado como folhetim), *Numa e a Ninfa* e *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. Sem dinheiro e aparentando ser vinte anos mais velho, sua saúde se deteriorava rapidamente. Tido como louco e irascível por alguns, afastou-se de muitos, e muitos se afastaram dele.

Aos 41 anos, consumido pelo parati e pela miséria, com o pai louco no quarto ao lado, morreu supostamente de ataque cardíaco, no dia 1 de novembro de 1922, abraçado a uma revista. O velório na sala era interrompido pelo barulho da chuva e, quando em quando, pelos gritos do pai, que, no quarto ao lado, morreria horas depois. Em volta do caixão de terceira, os ir-

mãos e a gente modesta do subúrbio, que Lima conhecia dos botequins e das ruas enlameadas e tristes. Teve um enterro muito simples acompanhado por gente humilde como ele, os amigos do subúrbio, cheirando a cachaça, com os pés descalços. Quis ser enterrado em Botafogo –que ele detestava e criticava. Pouco mais de dez pessoas assistiram a seu sepultamento, entre eles, o piauiense Félix Pacheco, a essa altura já imortal da ABL, o diplomata Olegário e José Mariano –sendo que este pagou as despesas do enterro.



BOCAGE

Manuel Maria de Barbosa l' Hedois du Bocage nasceu em Setúbal a 15 de Setembro de 1765. Suas muitas versões biográficas estão cercadas de prisões, deserções e um certo mistério quanto a autoria de muitas obras a ele atribuídas. Mas são unânimes em dizer que foi possivelmente o maior representante do arcadismo lusitano.

Sabe-se que perdeu a mãe muito cedo e que o pai, juiz de fora, esteve preso longos anos por desviar fundos do erário público. Com esse cabedal, o jovem ingressou no exército em 1781 permanecendo por dois anos. Logo seguindo para Lisboa, onde foi admitido na Escola da Marinha Real, da qual desertou antes do final do curso. Mas essa coisa de ter ligações com a França, em fins do século XVIII, se me permitem a licença poética, sempre pode dar merda.

Ainda assim, consta que foi nomeado Guarda-Marinha por decreto de D. Maria I, A Louca, embarcando em 1786 para a Índia com uma significativa passagens pelo Rio de Janeiro. Com 21 anos, sua fama de fazedor de versos e poeta já corria pela boemia lisboeta. No Brasil, figura no *Dicionário de Curiosidades do Rio de Janeiro* de A. Campos Da Costa e Silva, que viveu na atual Rua Teófilo Otoni, centro da cidade. Dedicou ao vice-rei algumas poesias-canção cheias de bajulações, visando atingir seus objetivos. Sendo, porém o vice-rei avesso a elogios, e admoestado com algumas rimas de baixo calão, que originaram a famosa frase: ‘quem tem cu tem medo, e eu também posso errar’. Sem titubear, o Vice-rei obrigou-o a prosseguir viagem para as Índias. E se me permitem a licença poética, este poeta que dizia ser “capaz de foder Lisboa inteira!”, acatou a ordem do vice-rei e seguiu viagem com seu rabo entre as pernas. Ou refaço a frase: seguiu viagem com seus “conos e cus feitos num trapo”.

Após essa tentativa frustrada de viver nos trópicos, rumou para a Índia com passagens por Moçambique, Damão e Macau. E logo depois, frente às inúmeras tentativas

de deserção, foi preso pela inquisição, que apesar de não mais assassinar, por altura dos anos de 1780, ainda era temida como braço político do terror.

Pela inquisição seria preso duas vezes e pela polícia de Lisboa outras tantas, mas dizem que foi justamente no período de cárcere que Bocage produziu a maioria de seus textos, inclusive os sérios como as traduções e comentários de manuscritos em latim e sua primeira edição de rimas.

Ainda nesta década de 1790 foi convidado a fazer parte da Academia das Belas Letras ou Nova Arcádia, onde adotou o pseudônimo Elmano Sadino. Acredita-se que um dos seus principais rivais intelectuais na “Academia de Belas Artes”, Belchior Curvo Semedo, articulado com os “moscas”, polícia política regia que prezava pelo manutenção do regime em plena turbulência dos ecos da Revolução francesa, denunciou alguns de seus poemas licenciosos e traduções que circulavam, inclusive no Brasil. Como tradutor dos Iluministas, não seria difícil atribuir-lhe outras culpas num tempo de paranóia restauradora e anti-revolucionária, afinal a denúncia contra o despotismo, o fanatismo religioso, a hipocrisia do clero, a moral sexual, eram temas recorrentes e correlatos aos Iluministas.

E diga-se de passagem, Lisboa era dominada por Pina Manique, intendente de polícia e homem de confiança do temido Marquês de Pombal, o mesmo que em 1797 decretara a prisão de Bocage por “desordenado nos costumes”, já marcado e conhecido por simpatias com ideias Iluministas e figuras como Voltaire, Rousseau, La Mettrie, Diderot, d’Alembert.

De 1799 até 1801 Bocage trabalhou com o Frei José Mariano da Conceição Veloso, um religioso brasileiro bem conceituado entre a corte e a igreja, para ganhar algum dinheiro e reduzir suas penas. Mas em 1805 descobriu uma doença cardíaca com a qual iria sucumbir em cinco anos, que foram dolorosos. Pobre e doente, só não se viu completamente desassistido graças ao amigo, o dono do café das Parras, no Rossio, José Pedro da Silva. Este café era o local onde se reuniam os membros do Agulheiro dos sábios. Na sua doença, Pedro das Luminárias, como era conhecido o amigo taberneiro, o auxiliou com doações, dinheiro e ajuda na venda de seus livros, chegando a pagar as despesas do funeral. Bocage morreu aos 40 anos em Lisboa (21 de Dezembro de 1805), vítima de aneurisma da artéria cervical interior do lado esquerdo.



CAMILO PESSANHA

Camilo de Almeida Pessanha nasceu em Coimbra, Portugal, no dia 7 de setembro de 1867. Filho de Antônio de Almeida Pessa-

nha, um estudante do terceiro ano de Direito, e de Maria do Espírito Santo Duarte Nunes Pereira, uma empregada de sua casa. Mesmo que a relação nunca tenha sido oficializada, o casal teve 5 filhos, três homens e duas mulheres.

Pessanha viveu pouco tempo de sua infância em Coimbra, para onde retornaria apenas para terminar seus estudos secundários e ingressar na faculdade em 1884. O pai, recém formado, era transferido constantemente de postos. Inicialmente como juiz itinerante para os Açores, Ilha de São Jorge, permanecendo ali por alguns anos, depois para Lamego, região do Douro, onde Camilo Pessanha teve sua instrução primária, e em seguida estudou no Liceu Central de Mondego. Curiosamente, o pai só o veio a perfilhar para efeitos burocráticos de ingresso na Universidade de Coimbra.

Durante o período acadêmico, começou a colaborar com jornais da época, publicando seus poemas em revista e jornais, entre eles, *A Gazeta* e *A Crítica* de Coimbra e o *Novo Tempo* de Mangualde. Nas férias, tentava se restabelecer, na casa da família, na Quinta de Marmelos, em Mirandela. Alguns de seus poemas foram publicados nas revistas *Ave Azul* e *Centauro*.

Em 1891 concluiu o curso de Direito. No ano seguinte passa em quarto lugar, em concurso público de 50 vagas, e é nomeado Procurador Régio de Mirandela. Dois anos depois vai para Óbidos, onde advoga, ao lado de seu grande amigo Alberto Osório de Castro, até 1894. Data deste período a mítica que o segue: Devido a uma desilusão amorosa, justamente pela suposta paixão não correspondida por Ana de Castro Osório, irmã de seu melhor amigo, decide largar

tudo e ir embora para Macau. Decidido por partir, concorre, então, a uma vaga de professor de filosofia no recém criado Liceu de Macau. O concurso, aprovação e partida acontece em menos de seis meses.

Nunca voltou para Portugal, ao menos definitivamente. Retornava frequentemente para passar férias ou por motivos de sua frágil saúde. Nessas vindas por Portugal, sempre que podia prolongava a passagem. Dividia suas estadas entre uma quinta da família perto de Braga, e em Lisboa hospedava-se no Hotel Francfort, no Rocio, onde era frequentador assíduo da boemia do café Martinho e da cervejaria Trindade.

Retornado a Macau, depois de sua segunda estada em Portugal, é nomeado Conservador do Registro Predial, cargo que exerceria paralelamente às aulas do Liceu.

Supostamente, na vinda de 1896 deixara um filho em Macau recém-nascido de data incerta, cuja a mãe era supostamente uma concubina –a quem ele tinha comprado de um comerciante chinês. Nesse intervalo de 3 anos, visita novamente Portugal. E somente iria perfilhar o filho João Manuel de Almeida Pessanha em 24 de Agosto de 1900. Consta em cartório que teve como testemunhas dois colegas do Liceu, João Pereira Vasco e Mateus António de Lima. Ou seja, Camilo, que somente foi reconhecido como filho tardiamente, fez o mesmo com o seu, e ainda se suspeita que o pai de Camilo também era um filho bastardo.

Não se sabe ao certo quando se tornou maçom, nem em que período da vida em Macau se viciou no ópio. No trabalho diziam que era um tanto desleixado em seu dia a dia, mas mesmo assim foi nomeado Juiz de Direito Substituto em 1904. No ano se-

guinte, adoece gravemente, e volta a Portugal em estado bastante grave, apenas regressando a Macau em 1909. Neste meio tempo, instala-se na quinta de um primo, nos arredores de Mirandela, para recuperar sua saúde frágil, já a essa altura bastante tomada pelos efeitos do ópio e suas abstinências. Sabe-se ao certo que foi por conta de João de Castro Osório e da própria Ana de Castro que seus poemas tomaram materialidade, já que declamava-os de memória sem ter manuscritos. Na empreitada, ambos conseguiram transcrever 30 poemas, que em 1920, graças a seu primo João de Castro Osório, que preparou os manuscritos, e Ana de Castro Osório –quem tinha recusado seu pedido de casamento–, cuidando da edição final dos papéis. Assim nasceu *Clepsidra*, o livro de poesia que o imortalizou.

Quando a mãe de seu filho João Manuel de Almeida Pessanha morreu, deixava dois filhos. João e uma menina, a quem chamaria anos mais tarde “Águia de Prata” –e que tomaria em todos os sentidos o lugar da mãe na vida do poeta.

Figura proeminente na vida pública, Pessanha era chamado constantemente para proferir conferências em cerimônias oficiais do Estado Português, onde os altos estatamentos da burocracia colonial, de certo modo, faziam vista grossa para suas concubinas e o vício do ópio. Isso era longe, do outro lado do mundo. Em suas estadas em Portugal, sem o ópio, bebia radicalmente, e com isso aumentava a imagem de poeta maldito de alma inquieta, viajando de forma intensiva para a colônia do Oriente. Quando morreu, deixou a maior parte de seus bens para a enteada, Kuoc Ngan Yeng, conhecida

como “Águia de Prata”, em detrimento do filho –nesse caso, irmão dela– João Manuel Pessanha.

No Cemitério de São Miguel Arcanjo, em Macau, encontra-se uma singela campa, onde repousam os restos mortais do poeta, falecido em 1 de Março de 1926. Ao lado de Augusto Gil, Raul Brandão e Antônio Nobre, outros autores que também se destacaram no Simbolismo português, Pessanha virou nome de rua e seu rosto magérrimo de olhos cruzados foi bastante amenizado na sua figura estampada nas notas de 100 patacas macauenses, por muitos anos.



FLORBELA ESPANCA

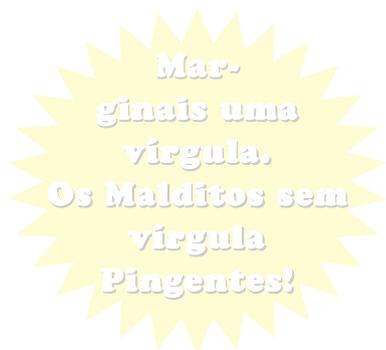
Florbela Espanca matou-se no dia em que fez 36 anos. Foi tão improvável em vida, que sua poesia não se encaixa nos moldes da poesia portuguesa da época. *Flor Bela de Alma da Conceição* nasceu em Vila Viçosa, a 8 de Dezembro de 1894 e teve uma infância tumultuada pelo fato de o pai não reconhecer a paternidade da menina, que tinha como mãe uma empregada doméstica

de Vila Viçosa. Contraditoriamente é o pai quem se encarrega da educação da menina, quando a mãe dela morre aos 29 anos.

Os seus primeiros versos datam dos sete anos, e escreveu o primeiro conto ainda na escola primária. Concluiu os estudos de licenciatura em 1912 e, nesse mesmo ano, casou-se com Alberto Moutinho, abriu um colégio e deu aulas de francês e inglês. A poetisa reuniu uma seleção da sua produção poética desde 1915, inaugurando assim o projeto *Trocando Olhares*. Tratava-se de uma coletânea de oitenta e cinco poemas e três contos que foram o ponto de partida para futuras publicações. Nesse mesmo ano começa a escrever para revistas de moda e de costumes como a *Modas & Bordados* e *O Século*. Aos 22 anos inscreveu-se em Direito na Universidade de Lisboa, mudando-se para a capital, onde teve os primeiros contatos com os meios literários da época, e sendo uma das 14 mulheres entre mais de 300 alunos homens. Nesse período engravidou, perdeu o feto num aborto involuntário e começa a apresentar seus primeiros sintomas de neuroses. Frequentava o terceiro ano do curso quando, em 1919, publicou a sua obra de estreia, *Livro de Mágoas*. Aos 27 anos divorciou-se e se casou com António Guimarães, de quem também se divorciará, em 1924, após mais um aborto. Decide tratar-se em Guimarães e ali já começa a viver com o médico Mário Lage –essa união foi a única que foi realizada na Igreja. No ano anterior publicara o seu segundo título, *Soror Saudade* –que tinha título original de *Claustro das Quimeras*. Não apenas mudou o título, como a ordem dos poemas, já que a seme-

lança com um livro homônimo de Alfredo Pimenta dificultaria a busca de um editor para o seu terceiro livro, tendo *Charneca em Flor*, publicado postumamente (1931) pelo professor italiano Guido Batelli.

Com 3 casamentos e 2 divórcios, algo bastante incomum para a época, Florbela Espanca passa a ter crises e a saúde vai pouco a pouco fragilizando. Nestes altos e baixos emocionais, o pai se afastara por não concordar com seu segundo divórcio. A morte precoce do irmão “esmagou o coração dentro de seu peito”. O fato provavelmente contribuiu para agravar ainda mais seu já frágil estado mental, marcado pelo isolamento dos familiares, por problemas físicos, sequelas de dois abortos involuntários e por uma provável doença mental hereditária, que lhe provocava insónias, enxaquecas e esgotamentos físicos e mentais frequentes. Abandonara a poesia e caíra em depressão. Eis Florbela, que a essa altura da vida abusa de barbitúricos, o Veronal - ao qual depois recorreu para se matar.





DYONÉLIO MACHADO

Dyonélio Tubino Machado nasceu no Rio Grande do Sul, na cidade de Quaraí, fronteira com o Uruguai, a 21 de Agosto de 1895. Filho de Sylvio Rodrigues Machado e da costureira Elvira Tubino Machado. Ainda criança, perde o pai, assassinado quando ele tinha sete anos. Aos oito, vendia bilhetes de loteria para ajudar no sustento da casa e num certo dia, na rua, encontrou o assassino do pai. O homem queria comprar um bilhete. Esse encontro é narrado pelo próprio escritor: “Nossa transação se fez sem palavras. Sabia também o que me esperava em casa: era minha mãe chorando”.

A falta de recursos econômicos não o impediu de estudar. Com 12 anos, independente e solitário, começou a trabalhar como servente no semanário *O Quaraí*, mais tarde como balconista na livraria de um parente, João Antônio Dias. Não se sabe exatamente quando se tornou Comunista, mas por volta de 1911, aos 15 anos, funda em Quaraí o jornal *O Martelo*. Aos vinte anos já colaborava com os jornais *Gazeta do Alegrete*, *Correio do Povo*, *Diário de Notícias* e o *Diário Carioca*, vindo a se casar em 1921, aos 26

anos, com a professora de piano Adalgisa Martins. Três anos mais tarde entra para a Faculdade de Medicina, e ainda durante os estudos publicaria seu primeiro livro, *Um Pobre Homem*. No início dos anos 1930, já formado, o Dr. Dyonélio foi preso várias vezes acusado de incitar os trabalhadores. Numa dessas prisões, recebe a visita do jovem repórter, Rubem Braga, que registraria dias depois no jornal *A Manhã* o recebimento do Prêmio Machado de Assis, em reconhecimento ao seu livro *Os Ratos*. O escritor ficaria seis meses nessa prisão até ser transferido para o Rio de Janeiro, amargando um total de 2 anos de reclusão. Seguindo o próprio Dyonélio, a estória de *Os Ratos* o acompanhava há mais de 9 anos, ele a escreveu em vinte noites mal dormidas. E após a celebrada recepção de *Os Ratos*, publica *O Louco do Cati*, em 1942, que foi mal aceito pelas editoras e crítica. Com o fim da Era Vargas, elege-se deputado estadual nas eleições de 1947, pelo PCB e torna-se líder desta bancada, na Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul. Mas com a ilegalidade do Partido, a bancada é cassada e Dyonélio volta a clinicar e militar no jornalismo político.

Seu reconhecimento como escritor somente viria no final dos anos 1970, quando o escritor já tinha 88 anos. Nesse interregno publicou *Eletroencefalograma* (1944) e tardaria vinte anos para voltar a publicar *Deuses Econômicos* (1966), *Endiabrados* (1980), *O Sol Subterrâneo* (1981) e *Ele vem do Fundão* (1982).

O “Lobo Solitário” da literatura gaúcha, como o chamou Érico Veríssimo, deixou uma obra composta de 12 romances, um livro de contos, um volume de memórias e

vários ensaios. Com uma vida cheia de traumas, prisões, independência e solidão, faleceu no dia 19 de junho de 1985, no Hospital de Clínicas, em Porto Alegre, em decorrência das complicações de uma cirurgia no fêmur.



MÁRIO CESARINY

O pintor e poeta Mário Cesariny de Vasconcelos era um lisboeta nato. Nasceu em Vila Edith, Benfica, a 9 de agosto de 1923. Filho caçula, tinha três irmãs mais velhas. O pai, um empresário e ourives, tinha uma joalheria na Rua da Palma, na baixa lisboeta. Aos 19 anos pintava e desenhava quando entrou no primeiro ano de Arquitetura na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, e posteriormente na Escola António Arroio, onde conhece alguns dos futuros companheiros de arte. Em 1947 Cesariny ganha uma bolsa de estudos e viaja para Paris, onde frequenta a Académie de la Grande Chaumière. Nesse momento ele tem um encontro inusitado com o dadaísta Benjamin Péret e André Breton. Breton já com

51 anos, e recém chegado dos anos do exílio de Vichy, dos Estados Unidos. Nestes anos pós-guerra, Breton se imbuíra do firme propósito de animar os surrealistas na França e ao redor do mundo, incentivando exposições e posteriormente participando da revista *La Brèche*.

De volta a Portugal, passa a frequentar o Grupo Surrealista de Lisboa, do qual faziam parte Alexandre O'Neill, Marcelino Vespeira, António Pedro, Cândido Costa Pinto, João Moniz Pereira. Como todo o bom grupo surrealista, as divergências não tardaram a acontecer, e dois anos depois Cesariny já faz parte de uma dissidência chamada "Os Surrealistas", com Pedro Oom, Cruzeiro Seixas, António Maria Lisboa, entre outros. E redigem um manifesto coletivo "A Afixação Proibida" e perdem a hegemonia na revista *Variante*. A partir daí os da *Afixação Proibida* promovem a primeira exposição surrealista de Portugal, que faria parte mais tarde dos anais, que o próprio escreveria sobre a História do Surrealismo português.

A década de 1950 é quando propriamente Cesariny se dedica à pintura e à poesia, e passa a colaborar com a Revista *Pirâmide* e assume seu homossexualismo mais abertamente, o que o leva a ter sérios problemas com a Polícia Judiciária, e a ser vigiado de perto pela constante "suspeita de vagabundagem". O regime salazarista não dava tréguas a dissidentes, fossem eles comunistas, ou homossexuais.

Nos anos 1960, depois das primeiras exposições, Cesariny recebe uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para escrever um livro sobre Maria Helena Vieira da Silva e rumar para a Inglaterra, onde esteve por volta de sete anos, com vindas esporá-

dicas a Portugal. Além de pintura, ganhava algo com as traduções de Rimbaud, Artaud, Michaux e outros autores malditos, para o português de Portugal. Outro dinheiro para as viagens já vinha de bolsas, da venda de seus quadros e da intermediação por venda de outros artistas, como ocorreu com um de Maria Helena Vieira da Silva, dado a ele por Manuel Cargaleiro.

Mário Cesariny faleceu a 26 de novembro de 2006 aos 83 anos, com um câncer na próstata que o vinha consumindo. O artista deixou 19 livros publicados e inúmeras pinturas. Foi sepultado no Talhão dos Artistas do Cemitério dos Prazeres.



STELLA DO PATROCÍNIO

Sabe-se pouquíssimo de Stella do Patrocínio. Sabe-se que ela gostava de Coca-cola, óculos escuros, biscoito de sabor chocolate, blusas de cor azul, caixas de fósforo *Olho*, leite condensado e maços de cigarro. Pelas fichas do Hospital Psiquiátrico, sabe-se que o pai era sergipano e chamava-

se Manoel do Patrocínio e a mãe Zilda Francisca Xavier, e que nasceu a 9 de janeiro de 1941 na cidade do Rio de Janeiro. Pouco se sabe dos primeiros 21 anos de vida da cidadã Stella do Patrocínio, e o que se sabe de posterior é digno de filme com tantos cortes que torna a história dessa poeta uma das mais angustiantes sobre biografias da literatura brasileira. As certezas, poucas: mulher, negra, postura ativa, pobre, estatura alta e esquizofrênica, num Rio de Janeiro da década de 1960.

A cabeça pifou no ano de 1962. Stella foi presa em agosto deste ano, na quarta delegacia de polícia e posteriormente transferida para o Hospital Psiquiátrico Pedro II –o mesmo, por sinal, em que a mãe tinha sido internada anos antes. Os motivos da prisão nunca foram esclarecidos. Foi diagnosticada com um quadro de “personalidade psicótica mais esquizofrenia hebefrênica evoluindo sob reações psicóticas”, ficou 4 anos no Centro Pedro II. E foi transferida posteriormente, a 3 de março de 1966, para uma colônia de alienados. Passou trinta anos em instituições psiquiátricas, sem nunca ter cruzado a porta de saída. Tornou-se uma poeta e mulher invisível para a sociedade. O que ficaria dela seriam laudos, questionários preenchidos em letra de forma por enfermeiras e médicos, fichas, prontuários e documentos institucionais.

Ainda na década de 1990, aos 45 anos, Stella, vivia numa condição precária de ser humano. Já não tinha nenhum dente na boca e apresentava um quadro de diabetes avançado. Sua sofisticação conversacional surpreendia todos os que pretenderam dar um passado àquela mulher. E seu único re-

gistro intelectual foram gravações de seus monólogos em fitas cassete que, anos depois, foram transcritas, organizadas e publicadas postumamente em 2001 pela escritora Viviane Mosé no livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome* (Azougue Editorial). “Seu” livro foi publicado em 2001, e chegou a ser um dos finalistas do Prêmio Jabuti daquele ano, sem que Stella do Patrocínio jamais escrevesse nada. Nem sequer a podemos comparar com os casos de Lima Barreto ou mesmo Maura Lopes Cançado, ambos com histórico de internamentos psiquiátricos, pois estes publicaram livros por escolha própria, e de alguma maneira, cada um a seu modo, participaram do jogo literário.

A partir dos anos 1990, Stella teve várias internações. As extremidades do corpo foram colapsando por falta de circulação. A diabetes levou à amputação de uma perna. De volta à unidade hospitalar psiquiátrica, conviveu com uma infecção grave devido a complicações da cirurgia. Parou de se alimentar, entrando em processo depressivo. Morreu em 20 de outubro de 1992: Esquecida, triste, louca e sem nós.

**Mar-
ginais uma
vírgula.
Os Malditos sem
vírgula
Pingentes!**



JOSÉ AGRIPPINO DE PAULA

José Agrippino de Paula e Silva nasceu em 13 de junho de 1937. Filho do advogado Oscavo de Paula e Silva e da professora Claudemira Vasconcelos, viveu seus primeiros anos em Itu, no interior do estado. Retornando para São Paulo apenas em 1942. Em 1955 ingressa na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). O pai morre quando Agrippino tinha 20 anos e ele pede transferência para a Universidade do Brasil no Rio de Janeiro.

Mesmo que em São Paulo já começara uma amizade com o cenógrafo Flávio Império, é no Rio de Janeiro que se envolve mais profundamente com o pessoal do teatro. Na nova faculdade conhece o diretor italiano Gianni Ratto. E já arquiteto, passa a fazer alguns trabalhos para a televisão, além de trabalhar nos rascunhos de *Lugar Público* – livro que tem a orelha assinada por Carlos Heitor Cony.

Recém-formado retorna para São Paulo em 1965, no mesmo ano em que é lançado *Lugar Público*. Nesse tempo, conhece a co-

reógrafa Maria Esther Stockler e produz obras experimentais. Agrippino publica *As Nações Unidas* em 1966, e no ano seguinte um de seus clássicos, o romance *PanAmérica*. Ainda nesse período montaram o filme *Tarzan Terceiro Mundo*, o *Mustang Hibernado*. Em 1968, Agrippino dirige o filme *Hitler Terceiro Mundo*, obra completamente experimental, quase tão sem nexos quanto as anteriores. No início dos anos 1970, o casal viaja pelo mundo produzindo pequenos documentários, com uma câmera super-8. Nessa época, o escritor dedica-se ao romance *Terracéu*, nunca encontrado. Passaram por Mali, Senegal, Marrocos, filmando coreografias de danças rituais, e tudo que aparecia pela frente.

Retornaram ao Brasil indo morar numa praia hippie na Bahia. Produzem o curta de extrema beleza *Céu Sobre Água*, que foi o último filme do autor –onde Maria Esther aparece em cenas realmente poéticas, boiando grávida na água. Os sintomas esquizofrênicos de Agrippino foram se agravando e o casamento acabou pouco tempo depois do nascimento da filha do casal. Cada um volta a morar com a mãe, numa convivência muitíssimo difícil, inclusive com episódios de surtos onde quebrava os objetos da casa e agredia fisicamente a mãe que viria a falecer 1988.

O “guru do Tropicalismo” já estava completamente pancado da cabeça na década de 1980. Diagnosticado com esquizofrenia, se isolou na cidade de Embu das Artes, distante 22 quilômetros do Centro de São Paulo. O escritor passava boa parte do dia enrolado em trapos e mantas velhas, na varanda de sua casa, olhando para a rua e es-

crevendo. Escreveu até morrer de infarto, aos 69 anos, em julho de 2007, deixando 173 cadernos numerados, e um romance inédito, chamado *Os Favorecidos de Madame Estereofônica*.



HERBERTO HELDER

Herberto Hélder Luís Bernardes de Oliveira nasceu no Funchal, em 23 de novembro de 1930. Era o filho caçula da família, composta por duas irmãs mais velhas. Quando a mãe morre, o menino tinha 7 anos e abalam-se as estruturas da família.

A partir dos 18 anos, a vida de Herberto Helder se torna literalmente a de um judeu errante e misterioso. Conclui o curso no liceu de Lisboa, para onde foi aos 16 anos. A partir de 1948 passa pela Faculdade de Direito e Letras em Coimbra, abandonando as duas. De regresso a Lisboa, trabalha na Caixa Geral de Depósitos. E entre 1958 e 1960 perambula por vários países europeus, trabalhando nas mais inusitadas funções. Trabalha como descascador de batatas na Bélgica, agenciador de marinhei-

ros em bairros de prostitutas na Antuérpia, estivador, empacotador de aparas de papelão, e em tudo o que se pode imaginar. Antes de partir às pressas, deixara os manuscritos de *O Amor em Visita* com o iconoclasta surrealista Luiz Pacheco. Herberto ainda deixou um rastro de poemas publicados nas revistas *Cadernos do Meio-Dia*, *KWY* e *Folhas de Poesia*. Ficavam para trás a mulher grávida e as tertúlias do Café Gelo, onde se encontrava frequentemente com António José Forte, Hélder Macedo, João Vieira, Cesariny e o próprio Luiz Pacheco.

De regresso a Portugal, Herberto publica inúmeras obras, muitas de maneira artesanal. Mas a essa altura, já estava na mira da PIDE com *Apresentação do Rosto* pela Editora Ulisseia. Para piorar, publicam *A Filosofia na Alcova*, do Marquês de Sade, ilustrada, de 1966, com tradução Helder, que para enganar a PIDE ainda usa o pseudónimo Helder Henrique! Isso só podia dar errado. O fato é que a cassação da obra deu a Herberto uma certa aura de maldito. Nessa época passa a trabalhar como diretor literário da Editorial Estampa. Ainda participa, como ator, no filme *As Deambulações do Mensageiro Alado*, o que pode ter sido sua última aparição em público. Volta a perambular pela Europa. E pouco mais de um ano depois parte para ser correspondente em Angola. Trabalhou em Luanda, de 1971 a 1974, onde foi redator da *Notícia*, publicando *Vocação Animal* em 1971. Em Luanda encontra nova companheira que o iria seguir pelo resto de sua vida, a assistente social Olga Ferreira Lima, que conhecera num célebre bar, a Mastaba, espécie de sucursal do Gelo lisboeta, onde se reuniam artistas e intelectuais, os chamados revirinhos.

A Portugal, só retornou mesmo depois do 25 de Abril, para trabalhar em rádio e em revistas, e ser editor da *Nova*, da qual se publicaram apenas dois números. Ao retorno ainda publica *Cobra* (1977), *O Corpo, o Luxo, a Obra* (1978). A recusa do Prémio Pessoa em 1994, por “razões pessoais”, o tornou mais famoso. Em 1988 já tinha recusado os 10 mil Euros do Prémio da Crítica da Associação Portuguesa de Críticos Literários. O poeta que disse certa vez que “nada é mais apaziguador que ter falhado em todos os lados da biografia.” Em 2007 o Pen Clube de Portugal indicou o nome de Herberto Helder para Prémio Nobel da Literatura, o que igualmente seria uma tremenda perda de tempo. A essa altura, ninguém duvidaria que Herberto Helder daria uma de Jean-Paul Sartre.



GRAMIRO DE MATOS

Ramiro Silva Matos Neto nasceu em uma pequena cidade do interior da Bahia, Iguaí, em março de 1944. Filho de Izaías Rocha de

Matos, um construtor de casas e pintor naif, e Anália Silva Matos. Fez o curso primário em sua terra natal, transferindo-se para Vitória da Conquista, BA, onde estudou e concluiu o curso ginásial. Em Jequié estudou o colegial e em Salvador, pela Universidade Federal da Bahia, formou-se em Direito, em 1973. Durante o curso de direito frequentou as aulas de teatro, onde fez parte de movimentos artísticos que emergiam por toda a cidade de Salvador. Em 1972, Ramiro Silva Matos Neto mudou o nome para Gramiro de Matos, nome adotado após o encontro descrito pelo próprio como: “messiânico e telemental com o poeta medieval Gregório de Matos”. No início da década de 1970, Ramirão, como era chamado, foi com a namorada hippie para o Rio de Janeiro. Na cidade, conviveu com grandes intelectuais como Jorge Amado e Glauber Rocha, sendo amigo de Waly Salomão e Torquato Neto, fazendo parte do movimento tropicalista, juntamente com esses seus dois parceiros.

Urubu-rei, seu primeiro livro, foi bastante elogiado pela crítica na época. Sua literatura foi considerada “impenetrável”, devido ao exagero nos experimentalismos concretistas e pop. Chegou a ser considerado por Jorge Amado como “a mais nova experiência da linguagem depois de Guimarães Rosa”.

A partir de 1974 decide seguir a carreira acadêmica. Numa série de viagens à África e Portugal durante seus anos de doutorado, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, ficou mais próximo de Glauber Rocha, que nessa época residia em Sintra. Em 1978 publicou um romance histórico-surrealista *A conspiração dos búzios*. E de seus estu-

dos acadêmicos resultaram as mais de 600 páginas de uma tese de doutorado, “Influências da literatura brasileira sobre as literaturas africanas de língua portuguesa”, defendida na Universidade de Lisboa (1982) e publicada posteriormente no Brasil.

E agora, em meados dos anos de 1980, com um diploma de estudos africanos embaixo do braço, e uma tese de 600 páginas ilegíveis, decepcionado com a falta de interesse das universidades pelos estudos africanos, afastou-se aos poucos da escrita e da academia. Tocou a vida como comerciante, marchand, depois colecionador de quinquilharias.

O tropicalista, marginal e reinventor de linguagens, Ramiro Silva Matos Neto vive hoje em Salvador, completamente afastado dos círculos literários toca sua vida longe da literatura. Divide seu tempo colecionando moedas antigas, administrando sua pousada, e fazendo comentários nas redes sociais –geralmente contra governos de esquerda– defendendo a Democracia.



**Mar-
ginais uma
vírgula.
Os Malditos sem
vírgula
Pingentes!**



CAROLINA MARIA DE JESUS

Nasceu a 14 de março de 1914 na cidade mineira de Sacramento. A mãe era uma pequena agricultora, sendo que o pai era um homem bastante agressivo. Cresceu com alguns problemas respiratórios e aos sete anos a mãe obrigou-a a frequentar a escola. Mas ela abandonou os estudos no segundo ano, por já entender que sabia ler, escrever, e perceber que tinha já apego suficiente à leitura, para que não precisasse mais da escola. Quando sua mãe morreu, tinha 23 anos e migrou para São Paulo, tentar a vida. Na cidade, trabalhou como babá, doméstica, explicadora, e catadora de papel.

Em 1937, se muda para o novo bairro do Canindé, uma comunidade pobre às margens do Rio Tietê, onde constrói, ela própria, um barraco com restos de papelão, madeira e chapas de metal. Aos 33 anos, desempregada e grávida tem seu primeiro filho, passando a dividir seu tempo entre cuidar do bebê e sair pelas noites para coletar papel, a fim de conseguir dinheiro para sustentar a nova família. Carolina teria mais dois filhos em 1949 e 1953. Os três filhos,

como ela mesmo disse, foram frutos de relacionamentos diferentes e todos gravidezes não planejadas, mas nunca quis se casar para, segundo ela, não ter que ser submissa aos homens.

Ao mesmo tempo em que trabalhava como empregada doméstica ou catadora, ia registrando o cotidiano de onde morava nos cadernos que encontrava. Em 15 anos, juntou mais de vinte cadernos de escritos. Um destes cadernos, um diário que havia começado em 1955, deu origem a seu livro mais famoso, *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada*, publicado em 1960, no qual ela supostamente diz, *Sou Carolina Maria de Jesus, Sou uma cidadã negra brasileira*. Os cadernos foram editados e publicados pelo jornalista Audálio Dantas. O relacionamento de ambos sempre foi marcado por uma certa tensão exposta nos diários, o que leva pesquisadores contemporâneos a questionarem até mesmo a idoneidade de Audálio Dantas. Carolina tinha direito a dez por cento do preço de venda das traduções, com trinta por cento de sua parte reservada ao jornalista Audálio Dantas, que trabalhava como uma espécie de copidesque, revisor e agente literário. Ela recebia pequenos pagamentos em dólares das editoras americanas, que ele mesmo ia retirar no banco, mas, por força do contrato original, não podia autorizar traduções de sua obra: este direito fora cedido à editora Paulo de Azevedo, uma filial da editora Francisco Alves.

A escritora publicou quatro livros em vida. *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada*; *Casa de Alvenaria: Diário de uma ex-favelada*; *Pedaços de fome* e *Provérbios*. Postumamente foram publicados mais seis

livros, entre contos e fragmentos adicionais de diários. Carolina Maria de Jesus morreu aos 62 anos em seu quarto, em Parelheiros, Zona Sul de São Paulo, no dia 13 de fevereiro de 1977. Vítima de uma crise de insuficiência respiratória devido à asma, doença que carregava desde seu nascimento.



JAMIL SNEGE

Mais um da extensa lista que o Brasil fez questão de esquecer, é Jamil Snege. O escritor do Sul do Brasil vem de uma família de descendentes árabes, por parte de pai, e italianos por parte de mãe. Cresceu no elegante bairro da Água Verde na Curitiba dos anos 1940, e como todo o menino da sua idade queria ser jogador de futebol. Felizmente, por inabilidade ou pura incompetência, e para felicidade de seus leitores, por volta dos 17 anos, sua paixão não foi correspondida e abandonou o sonho de ser jogador, ingressando em seguida no serviço militar.

Prestou serviço militar nos anos 50, no Centro de Operações de Oficiais da Reserva (CPOR), e para nova felicidade de seus leitores foi logo excluído por “falta de idoneidade moral”, como dizia o seu boletim de expulsão da época. Após uma série de pequenos deslizes disciplinares, acabou provocando um incêndio num exercício de tiro com peças de morteiro, pois imprudentemente – “levianamente”, em suas próprias palavras – encostava a brasa do seu cigarro nas cápsulas auxiliares da munição dos morteiros dos companheiros de tropa, em Campo Largo da Roseira, colocando em risco a vida de toda a tropa. O incêndio se alastrou, pois havia um vento muito forte no momento, e todos tiveram uma tarde de muita fumaça, muito fogo e perigo de vida.

Além de escritor trabalhou com publicidade e marketing político. A propósito, formou-se em Sociologia e Política pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), e destacou-se na publicidade pela ousadia e irreverência na criação de campanhas comerciais, políticas e educativas de grande êxito.

Pode-se dizer que o “Turco”, como era chamado pelos amigos, ganhou a vida em sua agência de publicidade como publicitário e sempre promovendo os outros. Participou de diversas campanhas políticas de sucesso como a de José Richa e Roberto Requião. Richa foi eleito governador do Paraná em 1982. E no mandato, Snege desenvolveu projetos sociais de marketing, engajando-se também na campanha das Diretas Já, para a Presidência da República.

No campo literário, além da reconhecida qualidade de sua obra ficcional, notabilizou-

se por recusar sistematicamente as propostas recebidas de grandes editoras, optando por financiar com recursos próprios a publicação artesanal de seus onze livros.

Alguns dizem que Snege define melhor a alma curitibana que o próprio Dalton Trevisan. Snege tinha um olhar impiedoso sobre a condição humana. Mas sempre escrevendo com algo de auto-biográfico. Escritor reconhecido pela classe literária, publicou, entre outros, *O Jardim, a Tempestade* (minicontos, 1989), *Como Eu Se Fiz Por Si Mesmo* (memórias, 1994) e *Os Verões da Grande Leitoa Branca* (contos, 2000).



JOÃO ANTÔNIO

Filho de português, dono de botequim, e mãe mulata batalhadora e semi-analfabeta, João Antônio nasceu em Presidente Altino, distrito de Osasco, na grande São Paulo, em 1937. Seu pai era um português atípico. Falava francês e tinha sido caminhoneiro, auxiliar de contador, e dono de armazém de secos e molhados. Era violonista e bandolinista auto-didata. Levava o filho para as

noites de seresta nos interiores de São Paulo –sem a aprovação da mãe. O jovem cedo descobriu os benefícios de conhaque, cerveja, mulheres e mesas de sinuca, que o acompanhariam por todas as suas andanças em São Paulo, Rio de Janeiro e o interior de todos os lugares por onde passou. Aliás, dizem as más línguas que era mulhengo e mão-de vaca. Jornalista conhecido por sua participação na imprensa alternativa nos anos 1970, desde jovem mostrou talento para a escrita. Sempre escreveu à mão, e somente depois datilografava seus textos. Depois os lia, andava de um lado para o outro, falava sozinho e ria sozinho na varanda da casa, como louco.

Lança seu primeiro livro de contos, *Malagueta, Perus e Bacanaço*, em 1963. Com ele ganhou os prêmios Jabuti, Fábio Prado e Prêmio Prefeitura Municipal de São Paulo. O sucesso literário conduziu-o à atividade jornalística. Entre a estreia em 1963 e o segundo livro, *Leão de chácara*, passam-se 12 anos. Nesse meio-tempo, João Antônio, aos 27 anos, foi convidado para repórter do *Jornal do Brasil* e se mudou para o Rio de Janeiro, que escolheu como residência fixa. Trabalhou, ainda, na revista *Manchete*, no jornal *O Pasquim*, além de diversos órgãos da imprensa alternativa, de oposição ao regime militar. Foi de cunho de João Antônio a famosa expressão “imprensa nanica” para designar os jornais alternativos do período da Ditadura Militar que se instalou no Brasil em 1º de abril de 1964, vendidos clandestinamente em bancas de jornais.

Com o filho pequeno, trabalhando intensamente, em seis anos ininterruptos, por longas horas à frente da máquina de escre-

ver, mais as noites de boemia e as andanças pelas ruas do Rio renderam-lhe uma crise nervosa. No começo de 1970 foi obrigado a se internar por dois meses em uma instituição psiquiátrica. A passagem pelo Sanatório da Muda, na Tijuca, em maio e junho, rendeu a João Antônio não apenas a oportunidade de se restabelecer emocionalmente como também dois textos que se tornariam centrais para entender a relação consigo mesmo e com o seu escritor de predileção, Lima Barreto.

Nesta fase de sua vida, João Antônio escreveu dois de seus grandes livros. Um deles é a crônica sobre o próprio sanatório, que dá título a seu quarto livro, *Casa de Loucos*, de 1976. Numa espécie de livro-reportagem, entrevista psicografada ou crônicas surrealistas dos encontros que o autor teve com personagens históricos tais como Darcy Ribeiro, Nelson Cavaquinho e Noel Rosa. O outro livro trata-se de nada menos que “Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto”, um roteiro dos bares, restaurantes, cafés, ruas, redações e livrarias que Lima frequentava, onde bebia e encontrava amigos e conhecidos. No livro João Antônio mapeou os trajetos que o escritor fazia de casa, no subúrbio do Encantado, para o Centro do Rio, bem como as andanças e as tertúlias de que fazia parte. Apesar de nenhuma palavra na obra ser sua, a dedicação de João Antônio a Lima Barreto está nos cortes e colagens que ele faz baseado em entrevistas e passagens dos diversos livros de Lima Barreto. Assim o relato não é uma biografia de Lima, mas uma espécie de perfil do escritor feito da colagem de muitas vozes.

Se não fosse por João Antônio, jamais saberíamos que Lima fumava cigarros Elite 18, da Sousa Cruz, e que jamais saía de casa sem chapéu, mesmo que sempre suado e com os paletós puídos. Não saberíamos que guardava seu dinheiro, com as notas enroladas em tubinhos, no bolso do lencinho do paletó. Jamais tomava nada que não fosse Parati —a nossa mais que conhecida aguardente de cana. E mesmo com muitas doses, jamais apresentava momentos de embriaguez, ficava apenas sorumbático, tendendo à “melancolia”. Sem esse livro de João Antonio, jamais saberíamos que Lima Barreto era um homem bem humorado, pelo menos entre os seus, amigos de subúrbio.

Nesse compasso, produziu quinze livros, mas sempre se recusava a participar de cerimônias e de se vincular a grupos e acadêmias literárias. Aceitava apenas convites para palestras em escolas e universidades. A curva da sua trajetória literária que principia lírica e melancólica, com *Malagueta*, *Perus e Bacanaço* (1963), acaba raivosa, indignada e ressentida, em *Dama do Encantado* (1996). Essa fase magoada começa nos anos 1980. Talvez o ressentimento fosse com ele mesmo, vindo de um desconforto de não se achar em lugar nenhum. Nesses anos deambulou São Paulo, Rio de Janeiro, Amsterdã e Berlim, onde viveu por mais de um ano, ao ganhar uma residência literária (aliás, a mesma vencida por Rubem Fonseca e Ignácio de Loyola Brandão). Tinha se afastado da malandragem, e já não se identificava nem com os pingentes, nem como um falso figurante na desdenhada classe média, que ele sempre atacou. Esse

despertencimento gradual foi mexendo com sua cabeça.

Seria leviano dizer que João Antônio morreu esquecido. Sua morte foi noticiada em jornais e revistas de circulação nacional como *O Globo*, *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Isto é* e *Caros Amigos*. O sepultamento se deu com honras municipais. Também seria leviano dizer que morreu respeitado. Naquela década o escritor publicou os livros *Zicartola* e *que tudo vá pro inferno*, *Dama do Encantado*, *Patuléia: gente de rua*. Além disso, o livro *Guardador* recebeu o prêmio Jabuti em 1993. A indiferença da crítica literária e da mídia em relação ao escritor, essas sim, provavelmente catalisaram a desilusão dos dias do seu fim.



PAULO LEMINSKI

Leminski é transparente. É exatamente isso que é visto e lido, um maldito queridinho. Óculos, bigode, e peito aberto. Pouco de sorrisos. E com as poucas palavras de

seus haicais desconstruía mundos e erguia imagens. Era músico, compositor, escritor, tradutor, crítico literário, e lutador de judô. Além disso, atuou profissionalmente como professor de história e redação em cursos preparatórios, também participou como diretor de criação e redator em algumas agências de publicidade. Como tradutor trabalhou com obras de autores como James Joyce, John Fante e Samuel Beckett.

Paulo Leminski Filho nasceu em agosto 1944. Se orgulhava de sua ascendência polonesa e africana. Aos quatorze anos foi para o Mosteiro de São Bento em São Paulo estudar para ser padre, retornando um ano mais tarde para Curitiba e terminando seus estudos num colégio estadual.

Casou-se em 1968 com a também poetisa Alice Ruiz. Ambos foram morar com a primeira mulher do poeta e seu namorado, numa espécie de comunidade hippie, num apartamento em Curitiba. Ficaram lá por mais de um ano, e só saíram com a chegada do primeiro filho. Miguel Ângelo, o primogênito, viria a falecer com dez anos de idade, vítima de um linfoma. E até recentemente, sabia-se que Leminski e Alice, casados por mais de 20 anos, também tiveram duas meninas, Áurea e Estrela Ruiz Leminski. Entre 1969 a 1970, Leminski decidiu morar no Rio de Janeiro, retornando mais tarde a Curitiba para se tornar diretor de criação e redator publicitário.

Como poeta, Leminski jogava com a linguagem usando trocadilhos, ditados populares e influência de haicais, além de abusar de gírias e palavrões. Estudioso da cultura japonesa, chegou a publicar uma biografia do poeta japonês Matsuo Bashô. Como le-

trista, teve parceiras variadas. Escreveu letras com Caetano Veloso, o grupo A Cor do Som, conviveu com Gilberto Gil, Moraes Moreira, Itamar Assunção, Jose Miguel Wisnik, dentre muitos outros.

Como a vida imita a arte, Leminski escreveu em poema musicado para Itamar Assunção, “um homem com uma dor é muito mais elegante, como andando assim de lado, chegasse mais adiante.” Em 2001 foi lançada uma das mais completas biografias de Leminski, *O Bandido Que Sabia Latim*, do biógrafo Toninho Vaz. Alice Ruiz boicotara sua reedição, ainda que feita com auxílio das informações da própria e a ela dedicada. A viúva e as duas filhas se opunham à publicação da biografia de um Leminski real: Alcoólatra como o pai, mal asseado, dentes estragados, nu e constantemente atormentado pelo suicídio do irmão e pelas ameaças de separação de Alice. Além disso, a biografia revela os detalhes de um suposto filho bastardo que Leminski chegou a registrar com a mãe, mas que misteriosamente, no ano de 1976, passou a se chamar Luciano da Costa.

A dor do agravamento de uma cirrose hepática que o acompanhou por anos cessou no 7 de junho de 1989.



TORQUATO NETO

Filho único de um defensor público e uma professora, passou sua infância em Teresina até os 16 anos, mudando-se para Salvador no intuito de complementar os estudos secundário e posteriormente para o Rio de Janeiro.

No Colégio Nossa Senhora da Vitória, o Marista, conheceu Gilberto Gil. Foi no Centro de Cultura Popular da UNE (União Nacional dos Estudantes) que conheceu ainda Caetano Veloso, Duda Machado, Gal Costa, Capinam, Maria Bethânia, dentre outros. Nesse início dos anos 1960 passou também a assistir filmes e ler compulsivamente sobre a sétima arte, chegando a trabalhar como assistente no filme *Barravento*, de Glauber Rocha. Dois anos depois, rumo ao Rio de Janeiro, termina os estudos secundários e inicia os de jornalismo na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Ainda no Rio de Janeiro, foi apresentado a Edu Lobo pelo cineasta Rui Guerra, formando imediatamente uma das melhores parcerias da música brasileira. Em três meses, trabalhando intensamente, fizeram

Mar-
ginalis uma vírgula.

Os Malditos sem vírgula
Pingentes!

Veleiro, Lua Nova, Pra Dizer Adeus, que Edu Lobo diria anos mais tarde, se tratava das suas melhores músicas.

No Rio, inicia sua atividade jornalística, trabalhando para diversos jornais, com colunas sobre cultura no *Correio da Manhã*, *Jornal dos Sports* e *Última Hora*. Trabalhou também em agências de propaganda e na gravadora Philips. E em 1967 casou-se com a baiana Ana Maria dos Santos e Silva. Três anos depois nascia seu único filho Thiago, atualmente piloto de aviação civil.

Durante a Ditadura Militar, Torquato, através de seus artigos, atuava como polemista e defensor de manifestações culturais de vanguarda como a Tropicália, o Cinema Marginal e a Poesia Concreta, defendendo com veemência a contracultura.

Além dos sintomas evidentes, decorrentes do álcool, o poeta sempre teve temperamento difícil, com vários episódios de crises emocionais, consideradas pelos psicólogos como "surto psicóticos". Por conta disso, foi internado oito vezes em hospitais psiquiátricos do Piauí e do Rio de Janeiro. Tentou o suicídio por quatro vezes. Ao final, na última tentativa, nem família e nem os antigos amigos conseguiram conviver com seus humores. Em seu último ano de vida –já com 34 músicas lançadas– escreveu artigos para jornais marginais como *Flor do Mal* e *Presença*, e organizou, com Waly Salomão, a edição única da revista *Navilouca*, publicada postumamente em 1974. No dia específico em que morreu, chegou de uma festa organizada por alguns amigos, após longa conversa com sua ex-esposa, deprimido, trancou-se no banheiro, fechou a porta, vedou todas as frestas com

lençóis, abriu o gás do chuveiro e, asfixiado, atravessou o espelho do banheiro, aos 28 anos de idade. Exatamente: no dia do seu aniversário.



OZUALDO CANDEIAS

Nasceu em 5 de novembro de 1922. Filho de agricultores, passou a infância e juventude entre São Paulo e Mato Grosso. Seu pai Antônio Ribeiro Candeias, era imigrante português que veio com nove anos para o Brasil e foi trabalhar em fazendas no noroeste do estado de São Paulo, próximo a Ribeirão Preto.

Ozualdo abandonou a escola ainda no primário e foi trabalhar no campo. Posteriormente foi *office-boy*, vendedor de sorvete, lustrador de móveis, trabalhou em fábrica de camas, foi metalúrgico, vendedor de sorvete. Trabalhou também como funcionário público e chofer de táxi. Quem o conheceu era unânime em afirmar que ele era um cara meio bruto, quase rude, desses metidos a machão, que fala palavrão e cospe no chão.

Começou a fazer filmes enquanto trabalhava como caminhoneiro, viajando com a câmera dentro do caminhão, pelas estradas do Brasil. Em 1955 lança o curta-metragem *Tambau - Cidade dos Milagres*. Filme sobre um padre milagreiro, Donizetti. Em 1963, trabalhou no roteiro de *Meu Destino em Tuas Mãos*, com José Mojica Marins, o Zé do Caixão. No ano seguinte ainda atuou como assistente de direção em *À Meia Noite Levarei Tua Alma*, filme do mesmo diretor.

Seu primeiro longa-metragem de ficção, *A Margem*, de 1967. Ainda que com evidentes falhas técnicas de sincronização de som, roteiro, e dureza das imagens, o filme é considerado uma obra-prima por muitos críticos. O enredo gira em torno a duas prostitutas, uma branca e uma negra, um cafetão e um homem com problemas mentais. *A Margem* é um filme extremamente coerente e bem contado, todo permeado pela trilha jazzística do grupo Zimbo Trio. Esse tipo de filme fazia com que Ozualdo vivesse sem financiamento, tendo que volta e meia fazer filmes institucionais para sobreviver. E Ozualdo, ao logo da década de 1970, partiu para o cinema pornográficos e a pornochanchada, para poder sobreviver.

Ozualdo fez filmes semi-eróticos da chamada Boca do Lixo em São Paulo. Consta nos créditos de várias produções como *As Mulheres do Sexo Violento* (1976), de Francisco Cavalcanti; *Agnaldo, perigo a vista* (1969), de Reynaldo Paes de Barros; *Sinal Vermelho As fêmeas* (1972), de Fauzi Mansur; *Noite do desejo* (1973), de Fauzi Mansur; *Com a cama na cabeça* (1973), de Mozael Silveira; *Maria sempre Maria* (1973), de Eduardo Llorente.

Sua biografia conta com 11 filmes como Diretor, 13 filmes que participou como fotógrafo, 6 como produtor, 7 como ator, e um como Assistente de Direção –justamente com José Mojica Marins.

Morreu em 2007, às 15 horas de uma quinta-feira, aos 88 anos, vítima de insuficiência respiratória no Hospital Brigadeiro, no bairro Bela Vista, deixando 4 filhos, netos, 3 ex-esposas uma penca ex-mulheres.



GLAUCO MATTOSO

Pedro José Ferreira da Silva, de ascendência italiana, nasceu em São Paulo a 29 de junho de 1951, e morou em diversos bairros da cidade. Os pais viam o menino estudioso, leitor compulsivo, e sonhavam vê-lo advogado. Entretanto, Pedro José tornou-se bibliotecário. Formado em biblioteconomia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, também estudou Letras na Universidade de São Paulo, mas não chegou a concluir o curso.

Logo após a faculdade, já funcionário do Banco do Brasil, vai morar em Santa Teresa no Rio de Janeiro. Dalí para o Centro Cultural do Banco do Brasil, onde trabalhava na seção de numismática, era um pulo. Nesse período começa a colaborar com revistas e jornais alternativos, e agrava-se o problema de visão que o acompanha pela vida. Pedro José desenvolveu um caso raro de glaucoma que o tornaria completamente cego em 1995. Por conta desse problema, assume o nome artístico de Glaucomattoso, engenhoso trocadilho que envolve sua perda de visão com sua admiração pelo poeta Gregório de Matos, de quem se considera herdeiro na sátira fescenina.

Entre 1976 e 1994, colabora com periódicos no Rio de Janeiro, como *Pasquim*, *34 Letras*. Participa dos primeiros movimentos LGBT's do Brasil, o *Somos*, e colabora com o jornal gay *Lampião*. Em São Paulo como Chiclete com Banana no *Jornal da Tarde*. Com Nilto Maciel, organiza uma coletânea do conto marginal, *Queda de Braço: Uma Antologia do Conto Marginal*. Quando viaja a Inglaterra, nos anos 1990, trava contato com a cena punk britânica, especialmente grupos punks gays. De volta ao Brasil, já com a visão muito comprometida, passa a produzir CDs de punk e rock alternativo pelo selo independente Rotten Records, que fundou em 1995.

Completamente cego, o poeta homossexual e sadomasoquista Glaucomattoso ainda manteve uma carreira paralela como tradutor, durante os anos 1990. Em 1993, trabalha na tradução para o português da Bíblia do Skinhead de George Marshall para a Trama Editorial.

Em fevereiro de 2008 completou dois mil e trezentos sonetos de uma série iniciada em 1999: segundo ele, tinha batido a meta histórica do italiano Giuseppe Belli que no século XIX teria composto 2.279 sonetos.



WANDER PIROLI

Wander Piroli nasceu em 1931 em Belo Horizonte. Sua mãe morreu quando tinha um ano, e acabou sendo criado pela avó italiana Giovanna e pelo pai operário pintor de máquinas, na Lagoinha, um bairro que era reduto de famílias italianas proletárias. Cresceu cercado de marginais, bêbados, vagabundos e criminosos, arquétipos que habitariam a maioria de seus livros. Ao contrário de como Otto Lara Resende definia o típico mineiro, Wander Piroli não falava baixo nem cobrava juros altos. Se formou advogado pela Universidade de Minas Gerais e chegou a trabalhar em causas trabalhistas, mas segundo ele, não tinha coragem de cobrar os honorários dos trabalhadores que defendia. Ainda durante a faculdade, participou de concursos literários.

rios em Belo Horizonte, chegando a vencer um deles em 1951 com o conto "O Troco", ganhando alguma fama nas redações dos jornais. Foi repórter incansável em dezenas de publicações mineiras, em jornais alternativos e da grande imprensa, como *Estado de Minas*, *Suplemento Literário*, *Última Hora*, *O Sol* e *Binômio*. Como jornalista uma série de episódios folclóricos o cercam. Dizem que nunca faltava uma garrafa de aguardente Claudionor debaixo da mesa. Escrevia fora dos padrões jornalísticos sem *leads* ou *subleads*, compondo matérias e títulos extraordinários como "Cada brasileiro nasce devendo sete salários mínimos". Isso, em plena Ditadura.

Anos mais tarde, o que ficaria conhecido como *boom* dos contistas nos anos 1970, incluiu apenas Sergio Sant'Anna, Antônio Torres, Luiz Vilela, e menos de meia dúzia de outros. João Antônio e o próprio Piroli, caíram em injusto anonimato num Mercado que queria romances, por considerar o conto um gênero menor. Alguns dizem que por isso tinha uma relação "descompromissada" com a literatura. Como se a lida do jornal, as contas a pagar, e dar de comer a quatro filhos, fosse tarefa fácil para um cidadão saído da periferia de Belo Horizonte. Publicou seu primeiro livro, *A Mãe e o Filho da Mãe*, aos 35 anos em 1966. E somente foi publicar o seguinte *O Menino e o Pinto do Menino*, 9 anos depois.

Publicou contos infantis, quebrando cânones da literatura do gênero, bem-comportada de personagens anódinos, bruxas babacas, duendes chatos, capaz de servir de modelos bem-comportados. Narrou o que nunca havia existido. Em seus livros

infantis, por exemplo, o pai de uma criança toma uma cachaça num botequim e segue com o filho para casa, já meio cambaleante.

Wander publicou em vida cerca de sete títulos, entre infantis, de crônica e contos, como *A Máquina de Fazer Amor* e *Minha Bela Putana*. Tipo alegre, vivia sem chamar atenção, mesmo que corpulento, e que seus blusões largos parecessem já ter vindo com defeito de fábrica: sempre com dois ou três botões da gola para baixo, abertos. Era visto por seus contemporâneos como um Hemingway brasileiro, seja pelo modo de viver ou pelo estilo seco dos textos. Aliás, a crítica nunca chegou a consenso se Wander Piroli era um João Antônio ou um Hemingway mineiro. Ao morrer descobriu-se que o "descompromissado" Piroli tinha mais 18 livros inéditos.



HILDA HIRST

Hilda de Almeida Prado Hilst nasceu em 1930. Foi poeta, cronista e dramaturga. Era a filha única de um fazendeiro de café, jornalista e ensaísta de Jaú, interior paulista,

Apolônio de Almeida Prado Hirst. Sua mãe, Maria do Carmo Ferraz de Almeida Prado, já tinha um filho de casamento anterior, algo raro na época.

Em 1945 iniciou o curso secundário no Instituto Mackenzie, uma escola fundada por presbiterianos. Finalmente em 1948 entrou para a Faculdade de Direito da USP, onde conheceu Lygia Fagundes Telles, de quem seria amiga por toda a vida. Aos 20 anos estreia na literatura com o livro de poemas *Presságio* (1950), em publicação da *Revista dos Tribunais*. Esse livro junto com outros dois – *Balada de Alzira* (1951) e *Balada do festival* (1955) –, faria parte dos livros de formação inicial de Hilst, o seu primeiro conjunto de uma obra maior.

Teve duas paixões na vida. Uma real: Júlio de Mesquita Neto, antigo dono do jornal *O Estado de São Paulo* –com quem se correspondeu, conviveu e para quem dedicou, em segredo, o livro *Júbilo, Memória e Noviciado da Paixão*. A outra platônica: chegou a namorar o ator americano Dean Martin, ainda quando este estava casado com Jeanne Biegger. Dean tinha 3 filhos e Hilda não queria complicações em sua vida. No fundo ela só queria conhecer Marlon Brando.

Hilda decide afastar-se da vida agitada de São Paulo e, em 1964, passa a viver na sede da fazenda de sua mãe, próxima a Campinas. No mesmo ano seu pai morre, completamente esquizofrênico. Projetou sua própria casa, a mítica Casa do Sol, planejada detalhadamente para ser uma residência de escritores. Na década de 1960 conhece o escultor Dante Casarini – então, gestor de negócios do pai– com quem,

mesmo sem casar-se oficialmente, se relacionaria por mais de 35 anos.

Foi uma escritora e poeta que tocou em assuntos tidos como socialmente controversos, como o amor entre pessoas do mesmo sexo. Confessou em entrevista para *Cadernos de Literatura Brasileira* que seu trabalho sempre buscou, essencialmente, retratar a difícil relação entre Deus e o homem. Dizia ela que o que a inquietava era o problema da morte.

Estudada na academia ainda em vida, ganha fama no grande público como poeta de muitos adjetivos algumas vezes redutores, mas não equivocados: Hilda erótica e desbocada, Hilda provocadora e obscena. Hilda meio louca, eremita, arredia, indomesticável. Essa aura parece dizer mais sobre aqueles que a tentaram rotular do que sobre a própria Hilda ou seu trabalho.

No final da vida, a Casa do Sol vivia cercada por centenas de cachorros, dos quais ela tratava pelo nome individualmente. A escritora, que já tinha deficiências crônicas cardíaca e pulmonar, morreu em fevereiro de 2004, após complicações decorrentes de uma cirurgia de fratura do fêmur.





ANTÔNIO FRAGA

Nasceu em 30 de junho de 1916 no Rio de Janeiro. Era filho da costureira brasileira Waldomira da Fraga Fernandes e do português Justino Fernandes, anarquistas, que se conheceram no Segundo Congresso Operário Brasileiro ocorrido na cidade do Rio em 1913. Sabe-se pouco da infância de Antônio. Apenas que foi expulso de casa ainda novo pelo pai, abandonando a escola e indo morar em 1933 na zona do baixo metrô do Mangue do Rio de Janeiro. Acolhido pelas prostitutas, a essa altura, com tão pouca idade, passou a viver como um bicho solto. A partir daí, viveria o resto da vida numa vida de biscateiro, literalmente, com as vírgulas que separam um emprego aqui outro ali, em seu cv. Antes dos 40 anos, já tinha sido proxeneta, garimpeiro em Goiás, auxiliar de cozinha em hotel de luxo, lanterninha de cinema e redator chefe de programas radiofônicos.

A principal criação de Antônio Fraga foi mesmo a novela *Desabrido*, escrita em 4 dias no final do ano de 1942 e publicada pela primeira vez em 1945, enquanto trabalhava como locutor na Rádio Vera Cruz. Sa-

bendo que alguns intelectuais importantes, estavam publicando artigos na revista *Cultura Política*, publicação promovida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) do governo Vargas, indignou-se. Fez um discurso ao vivo na rádio, afirmando que os intelectuais que escreveram seus artigos para a revista estavam em estado de delírio. Após o episódio, Fraga se isolou por quatro dias no interior do Rio de Janeiro e escreveu *Desabrido*, um livro de 24 capítulos dispostos em três partes, que abusava de gírias, da falta de vírgulas, com minúsculas em princípio de frase, e com nomes próprios sem maiúsculas.

Antônio Fraga conviveu com boa parte dessa *intelligentsia* que criticara entre 1940 e 1960, mas, esse convívio não fez de Fraga um deles. Nos anos 1960, enquanto Antônio Olinto, por exemplo, já era adido cultural na África, Fraga, empurrado por dificuldades econômicas, já morava numa periferia do Rio de Janeiro. A distância física e intelectual o tornou cruel com movimentos de vanguarda, como o Concretismo dos anos 1960, ainda que posteriormente fosse considerado uma espécie de mito da poesia marginal.

Postumamente publicou-se *Desabrido* e *Outros Trecos*, que reúne a única obra já publicada de Fraga (*Desabrido*) e 14 escritos inéditos (*Outros Trecos*). No total, são apenas 118 páginas, mas basta olhar a dedicatória para entender quem é que está falando. "Para mim mesmo, com muita estima", escreve Fraga, para si mesmo.

Seu primeiro emprego formal foi aos 69 anos, na Fundação LBA – Legião Brasileira de Assistência – por intermédio de "amigos importantes", que se sensibilizaram pela

penúria em que o escritor se encontrava. A sinecura, ao final da vida, pouco valeu nos seus 8 anos seguintes. Morreu em 1993, no município de Queimados, a mais de 50 quilómetros da capital, pouquíssimo celebrado em vida.



CARVALHO CALERO

Um dos maiores intelectuais da língua galega do século XX, um homem que ria pouco, nasceu em Ferrol em 1910. Cresceu no seio de uma família abastada como o mais velho dos seis irmãos. Perde a mãe, aos oito anos de idade, mas isso não o abala e dedica-se com afinco aos estudos, o que também inclui a língua galega. Já aos 15 anos, ao ingressar na Universidade de Santiago para cursar o primeiro ano de Filosofia e Letras e preparatório de Direito, participa no Seminário de Estudos Galegos, e publica versos em *El Correo Gallego*. Como estudante de Direito, elabora e redige a reforma dos Estatutos da SEG. Quando publica *Tinitárias*, seu primeiro livro de poemas, já está completamente envolvido na

política universitária. Publica também seu primeiro poemário em língua galega, *Vieiros*, em 1931, coincidindo com a conclusão do curso de direito. Ajuda a fundar o Partido Galeguista, junto a Castela, Alexandre Bóveda, Tobio Fernandes, dentre outros. Nesta fase da vida ainda elabora propostas estatutárias para a Assembléia de Municípios e colabora com as publicações de *Claridad* e *Ser*, vinculadas à esquerda galeguista.

Sua militância no Partido Galeguista, no qual foi presidente entre 1934 e 1935, e seu envolvimento com o legalismo Republicano marcou-o nas hostes inimigas franquistas. Foi combatente voluntário num batalhão composto por professores e profissionais de educação ligados à UGT. Foi preso no final da Guerra em Andaluzia e condenado pelo crime de apologia ao “separatismo”. Perdeu o emprego e foi preso por dois anos, sendo libertado apenas em 1941, porém a extinção da pena somente viria em 12 anos. Neste período, aproveitou para estudar alemão e anotar dados para o romance *Scórpio*, bem como *A sombra de Orfeu*, e para a peça teatral *Os chefes*, que somente publicaria em 1982.

Mesmo em liberdade, continuou pagando um preço caro pela sedimentação de seus inconformismos. Durante a liberdade condicional, teve sérias dificuldades para conseguir trabalho. Desenvolve, então, um intenso labor literário, com os romances *A Gente da Barreira*, de 1951, e *Os senhores da Pena*, onde critica o passado da sociedade tradicional galega. Colabora sob o pseudónimo 'Fernando Cadaval' no jornal *La Noche*, sobre temas históricos e literá-

rios ligados a Rosalia de Castro. Para manter a família, deu aulas privadas, em situações de vida muito duras, aliás similares às de Antón Fraguas e Fernández del Riego. Em 1950 muda-se para Lugo, onde residiria por mais 4 anos até termina seu doutoramento em Madrid com uma tese sobre a literatura galega contemporânea. Neste período, teve a sorte de ser acolhido pelo empresário e filantropo António Fernández no Fingoy, e desde aí atuar no grupo Galaxia. Em 1958 entra na Real Academia Galega e em 1965 torna-se o primeiro professor de galego da Universidade.

Tido por alguns como homem distante com os alunos, porém muito respeitoso, tinha um estilo de aula tradicional. Outros dizem que era homem à moda antiga, sempre de terno, gravata e pasta à mão, e que ao cruzar uma rua e se deparar com uma mulher tira o chapéu em sinal de respeito.

Sua radicalização na defesa linguística, aprofunda-se em Julho de 1975 com um artigo público no jornal *La Voz de Galicia* onde defende uma normatização reintegracionista do Galego com o Português. Porém, a aprovação do controverso Decreto de Bilinguismo, e do Estatuto da Autonomia da Galiza em 1981, pressionava para que a luta se apressasse. Faltavam 5 anos para completar 70 anos, idade de se aposentar. Sua imagem como intelectual reintegracionista persistia arranhada. Prova disso é que quando aparece a *Antoloxía da poesía galega actual*, preparada pela revista *Nordés* para Edicións do Castro, em 1978, Carvalho é incluído entre os 16 autores representados. Entretanto, a despeito do tamanho dos poemas e das opções de

diagramação, em número de páginas, Calero ocupa um dos últimos lugares em termos quantitativos. Com a aposentadoria, passa a militar por uma defesa da unidade linguística galego-luso-brasileira na Associação Galega da Língua, ajudando a fundá-la em 1981. E com isso, consegue jogar a pá de cal no que faltava. Passa a ser excluído de qualquer celebração cultural oficial da cultura galega, frente ao Estado espanhol.

O debate sobre o futuro da língua da Galiza e sua identidade idiomática situou Carvalho Calero em posição de alvo de uma tosca incompreensão, por parte de seus pares acadêmicos. Com o tempo, aquilo foi se transformando em aberta hostilidade, mesmo por parte de alguns dos seus antigos amigos.

Em 1987 publica sua novela auto-biográfica *Scórpio*, em galego reintegrado, que é recebida com prêmios e críticas elogiosas. Mas já se fazia tarde, pois em 1988 aparecem os primeiros nódulos no pulmão, e entre tratamentos e o repouso ainda acha energias para continuar trabalhando até seus últimos dias. Em Janeiro de 1990, já com a doença muito avançada, vai a Ferrol natal para receber pessoalmente uma homenagem da Câmara Municipal, vindo a falecer no 25 de março de 1990, não chegando a completar 80 anos.

Sua fortuna crítica contrasta com sua marginalização. Caluniado e até desprezado, passa sua última década de vida um tanto amargurado com os antigos pares acadêmicos por desprezarem não apenas sua luta mas a do "reurdimento" de Manuel Murguía, Castelao, Biqueira, Jenaro

Marinhas del Valle e muitos outros. Prova disso é que há anos lhe era relegada a homenagem do dia das Letras Galegas. Desde 2005 seu nome vinha sendo aventado, mas silenciado. Em vida, não foi diferente. Teve talvez mais reconhecimento internacional que em sua terra. Um exemplo simples: foi antes nomeado membro da Academia das Ciências de Lisboa, em 1981, que para fazer parte do Conselho de Cultura Galega – o que aconteceria apenas 3 anos depois. Claro está que sempre existem outras maneiras de ir sendo esquecido pelas beiras.



SABOTAGE

Mauro Mateus dos Santos nasceu na periferia de São Paulo a 3 de abril de 1973 e morreu assassinado na mesma cidade a 24 de janeiro de 2003. Nestes breves 29 anos de vida, o poeta, que ficou conhecido pelo seu nome artístico *Sabotage*, fez de tudo um pouco. Foi poeta, traficante de drogas, rapper, cantor, compositor e ator brasileiro.

A origem do apelido Sabotage deu-se por ter quase sempre conseguindo burlar as normas com algum êxito, como entrar em bailes, festas e boates sem permissões, e sair ileso de inúmeras confusões e brigas. Artista que combina raramente fineza e simplicidade numa prosa agilíssima, Sabotage foi criado na favela do Canão, na capital paulista. Cresceu e viveu numa cidade que mata em média 700 pessoas por ano. Começou a trabalhar aos 8 anos em seu primeiro emprego: “olheiro” – nome dado aos que trabalham do tráfico de drogas avisando aos chefes locais quando a polícia se aproxima. Filho mais novo de 3 irmãos, teve um deles morto, após fugir da cadeia, e outro dominado pela loucura do alcoolismo. O Mauro, pai de 2 filhos, nasceu na Zona Sul de São Paulo, onde, depois de ter sido assaltante e gerente de tráfico encontrou a saída no rap, entrando na música e percebendo o seu verdadeiro dom.

Sabotage só teve tempo de fazer um único disco solo, o *Rap é Compromisso!*, e participou de vários CDs com grupos como RZO, SP Funk e outros. Seu único disco, de 2001, é um marco na história da poesia Hip-Hop brasileira. Considerado uma lenda na Zona Sul, ele inspirou vários rappers, como Rhossi, Pavilhão 9, além de ter ensinado Paulo Miklos, cantor de ascendência húngara da banda de rock Titãs, como ser um malandro de verdade, no filme *O Invasor*, de Beto Brant. Com Miklos escreveu até uma música para o filme em que participou como ator. Foi também premiado pela atuação em outro filme, *Carandiru*, além de ter recebido vários prêmios, como personalidade e revelação no Hútus, o grande festival de premiação de rap no Brasil.

Na manhã do dia 24 de janeiro de 2003, em frente ao número 1877 da avenida Professor Abrão de Moraes, no bairro da Saúde, próximo a sua casa, o poeta levou sua mulher, Maria Dalva da Rocha Viana, ao ponto de ônibus. Na despedida, disse à esposa que iria para o Fórum Social Mundial, na cidade de Porto Alegre. Após entrar no carro, segundo testemunhas, foi abordado por um homem que disparou 4 tiros: dois na coluna vertebral, 1 na mandíbula e 1 na cabeça. Encontrado horas depois, ao seu lado havia uma máscara preta. Muito se especulou, sobre as possíveis causas de seu assassinato, entre elas, o envolvimento do rapper com o mundo do crime. Sabotage tinha abandonado a vida criminoso por volta de 10 anos antes de sua morte.

Em 2016, 13 anos após sua morte, o álbum que leva o mesmo nome do cantor foi lançado no serviço de streaming Spotify. Nele estão diversas canções feitas na semana em que o rapper foi assassinado.



ITAMAR ASSUMPÇÃO

Bisneto de escravos de origem angolana, o baixista, poeta, performance e artista independente Francisco José Itamar Assunção, nasceu em 13 de setembro de 1949, no Tietê. Era neto de um alfaiate. Seu pai, Januário, era fiscal do Instituto Brasileiro do Café, órgão criado no segundo governo de Getúlio Vargas. Junto com a mãe, Cida, tinham um terreiro de umbanda onde Januário era Pai de Santo e a mãe também recebia entidades.

Iniciou estudos de contabilidade, abandonando o curso para atuar no teatro e fazer shows em Londrina. Começou a andar com a turma do GRUTA – Grupo de Teatro Universitário de Arapongas. Na cidade, conhece outro músico com quem iria colaborar por longos anos, Arrigo Barnabé. No final dos anos 70 formou com o guitarrista Tony Penhasco a primeira banda, Mão de Pilão, e compôs a canção Nego Dito. A canção ficou em terceiro lugar no Segundo Festival da Feira da Vila Madalena em São Paulo, 1980.

Arisco ao mercado fonográfico e a movimentos políticos, foi etiquetado como “mal-

**Mar-
ginais uma
vírgula.
Os Malditos sem
vírgula
Pingentes!**

dito” pela crítica musical. Entretanto, não foi um poeta negro que fez de sua etnicidade um bastião de luta. Quando lança seu disco *Beleléu, Leléu, Eu*, usou, abusou da ironia. O próprio nome da própria banda *Isca de Polícia*, que o acompanhou, era uma explícita analogia a várias situações de racismo sofridas por ele. Músicas como *Cabelo Duro*, em que fala categoricamente “eu tenho o cabelo duro mas não o miolo mole, sou afrobrasileiro puro, é mulata a minha prole”; ou mesmo na *Negro Dito*, “tenho o sangue quente, não uso pente, meu cabelo é ruim”, foram emblemáticas. O disco está na 86ª posição da lista dos 100 Melhores Discos de Música Brasileira de todos os tempos organizado pela *Rolling Stones*.

Em 2000 os médicos descobriram um câncer no seu intestino. Mesmo doente, em meio a cirurgias e pesados tratamentos, Itamar manteve a rotina de shows nos intervalos das internações. Nesse período também gravou um disco em parceria com o percussionista pernambucano Naná Vasconcelos, que acabou cancelado, e num segundo volume de *Preto Brás* iniciado em 1998, que ele pretendia que fosse uma trilogia de discos. Lutou por três anos contra as complicações decorrentes do câncer, mas a doença reincidira para a região pélvica.

O cantor, poeta e compositor paulista Itamar Assunção morreu na noite de 12 de junho de 2003, aos 53, em sua casa. Entretanto, uma nova geração de músicos independentes têm nele referência fundamental. Por exemplo, a cantora trans Liniker fez uma versão para *Fim de festa*, e a banda Teto Preto cantou recentemente, Já deu pra sentir, bem como *Metá Metá* remusicou *Tris-*

teza não. Outros que revisitaram o poeta foram o grupo Tono Nega música e o cantor Criolo com *O tempo todo*. Além do resgate musical, Itamar Assunção é tema de inúmeras teses na área de história e estudos literários.



MAURA LOPES CANÇADO

Filha de latifundiários, a escritora Maura Lopes Cançado nasceu na pequena cidade de São Gonçalo do Abaeté, no estado de Minas Gerais, a 27 de janeiro de 1929. Oriunda de uma família aristocrática, teve uma infância de saúde frágil, e por isso cercada de cuidados intensos, num ambiente opressivo e religiosamente católico. Por conta de sua fragilidade, a mãe fizera uma promessa de vesti-la de azul e branco, cores de Nossa Senhora, até os sete anos. Aos sete anos, justamente quando deixou de usar as cores, ela teve a primeira crise epilética. Dona de imaginação fértil, aos 14 anos quis estudar alemão para ser espíã na-

zista, e aprender a pilotar aviões. Nessa mesma idade casou-se com um militar e teve um filho. O casamento terminou quando tinha apenas quinze anos de idade, no mesmo ano em que o pai morre.

Ruma então para a capital do estado, Belo Horizonte, mas o fato de nos anos 40 ser muito jovem, mulher, com um filho pequeno e já divorciada, não se aceita na sociedade mineira. Pouco depois vai para o Rio de Janeiro, tentar a vida como jornalista. Ainda em 1949, aos vinte anos, se interna pela primeira vez na Casa de Saúde Santa Maria, uma clínica psiquiátrica, na capital de Minas Gerais, e ao longo da vida terá muitas entradas e saídas de clínicas psiquiátricas.

Decide então ir definitivamente para o Rio de Janeiro onde começa a trabalhar para o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*. Em menos de 7 anos publicaria polêmicos contos no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil*, passando a conviver com intelectuais como Ferreira Gullar, Carlos Heitor Cony, Assis Brasil e Reynaldo Jardim.

Ainda trabalhando na redação do *Jornal do Brasil*, teve alguns surtos bipolares. Num desses episódios, Maura atirou uma máquina de escrever pela janela da redação da redação do *Jornal*. Internou-se, então, mais uma vez, numa clínica psiquiátrica, ficando entre outubro de 1959 e março de 1960. Já nos anos 1970, num estado de completa pobreza, dependia da ajuda de amigos e de seu incansável filho, o jornalista Cesarion Praxedes, agora com 27 anos, que custeava suas internações.

Numa dessas inúmeras internações, na noite de 11 de abril de 1972, Maura, estran-

gulara uma das pacientes, com uma faixa de pano rasgada de um lençol que se encontrava na enfermaria do Hospital Casa de Saúde Dr. Eiras, no Rio de Janeiro. A vítima: uma jovem grávida. Maura foi julgada e condenada pelo Tribunal do Júri em 15 de outubro de 1974. Considerada inimputável – ou seja, incapaz de entender o fato criminoso – ficou seis anos em reclusão. Solta em 1980, passou por várias outras clínicas nos 13 anos seguintes sem nunca mais voltar a escrever. Nos últimos anos, com a saúde debilitada pela asma e por não aceitar deixar o tabaco, sofreu várias internações, vindo a falecer a 19 de novembro de 1993, de insuficiência respiratória decorrente de “doença pulmonar obstrutiva crônica”, aos 64 anos de idade, no Rio de Janeiro.





Francisco Rogido

Francisco Rogido Fins nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, filho de pais imigrantes galegos da aldeia de Chantada, A Banha, A Corunha.

É gravador, professor, tradutor, mestre em História e marceneiro amador. Auto-didata, domina algumas técnicas de gravura (incluindo xilogravura, monogravura, água forte e ponta seca), e escultura em madeira. Passados seus anos de formação no Brasil, se mudou para os Estados Unidos para fazer doutorado em História da América Latina na Universidade de Maryland, abandonando o curso no quarto ano, não chegando a concluir a tese.

Trabalhou por alguns anos como bibliotecário da coleção de Oliveira Lima na Catholic University e como tradutor do projeto Biblioteca Digital Mundial (WDL) da Biblioteca do Congresso/UNESCO em Washington DC. Consta que foi um dos dez finalistas do Prêmio Latino-Americano de Literatura Jovem da Alliance Française de São Paulo-Brasil/2008 e corre uma lenda de que teve contos publicados na Revista Cult Magazine (Brasil), Agália (Espanha) e em sites literários Portugueses. Já expôs suas gravuras no Brasil, Espanha, Itália, México e E.U.A.

Atualmente mora em Los Angeles.

FACULDADE DE FILOLOXÍA

Av. Castelao s/n - Campus Norte

**Marginais uma vírgula. Os Malditos
sem vírgula Pingentes!**

LIMA BARRETO
BOCAGE
CAMILO PESSANHA
FLORBELA ESPANCA
DYONELIO MACHADO
MARIO CESARINY
STELLA DO PATROCINIO
JOSE AGRIPPINO DE PAULA
HERBERTO HELDER
GRAMIRO DE MATOS
CAROLINA MARIA DE JESUS
JAMIL SNEGE
JOÃO ANTÔNIO
PAULO LEMINSKI
TORQUATO NETO
OZUALDO CANDEIAS
GLAUCO MATTOSO
WANDER PIROLI
HILDA HIRST
ANTÔNIO FRAGA
CARVALHO CALERO
SABOTAGE
ITAMAR ASSUMPCÃO
MAURA LOPES CANÇADO

